

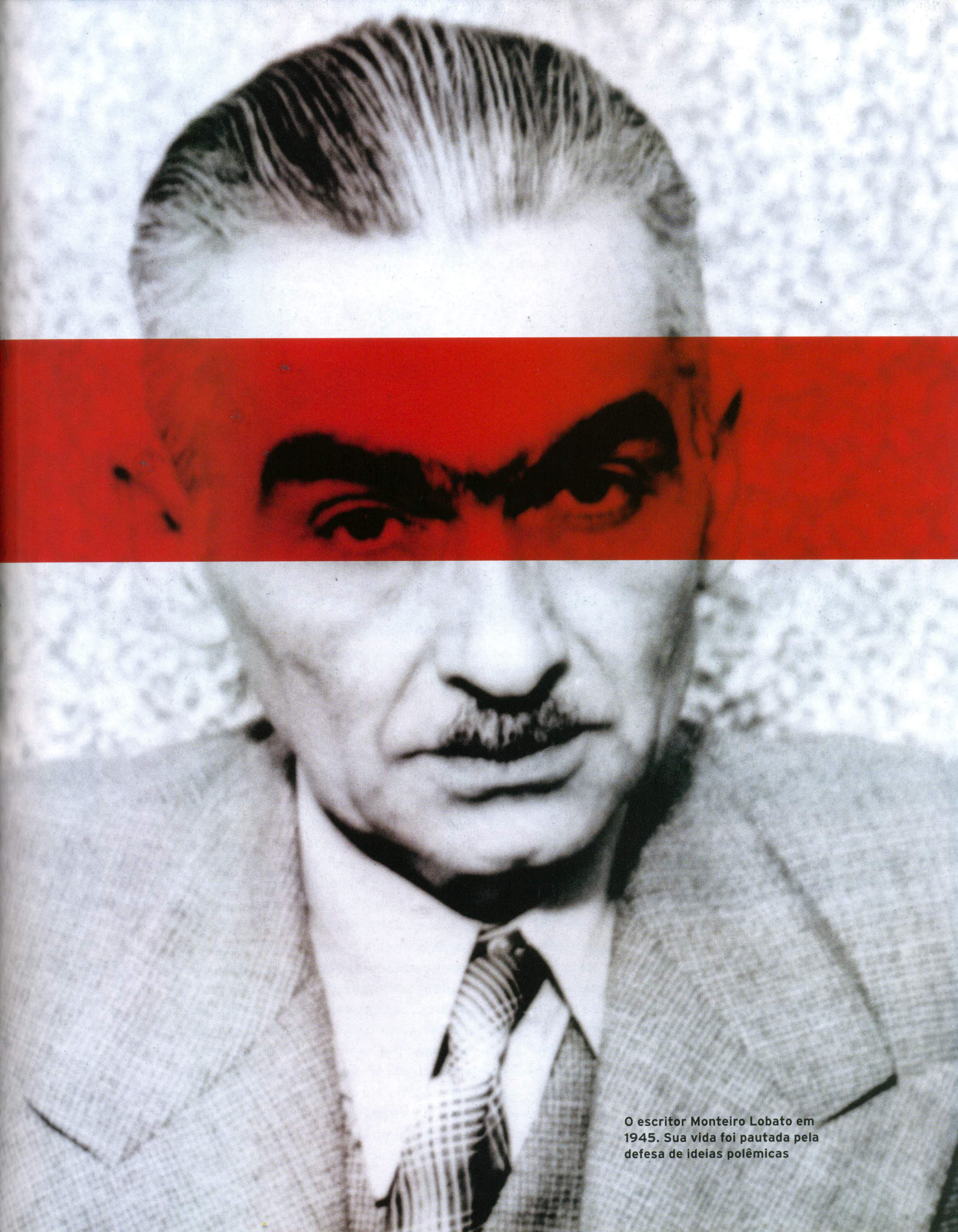
e exibir-se deante de uma assistencia de moleques feeble-minded despídos da menor noção de seriedade. Mulatada, em summa. Paiz de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma Kux-Klan, paiz perdido para altos destinos. André Siegfried resume numa ph as duas attitudes. "Nós defendemos o front da raça branca - diz e é graças a nós que os Estados Unidos não se tornaram um segundo Brazil." Um dia se fará justiça ao Klux Klan; tivessesemos ahí uma feza desta ordem, que mantem o negro no seu lugar, e estariamos ho livres da peste da imprensa carioca - mulatinho fazendo o jogo d gallego e se reholibir pro... capacidade... conservel do processo de Mr Smith. Não deve estar pura de deslis por... de...

# MONTEIRO LOBATO E O RACISMO

Cartas inéditas reforçam que o autor do "Sítio do Picapau Amarelo" se entusiasmou com a eugenia – pretensa ciência que ajudou a embasar o nazismo e o holocausto

POR ANDRÉ NIGRI





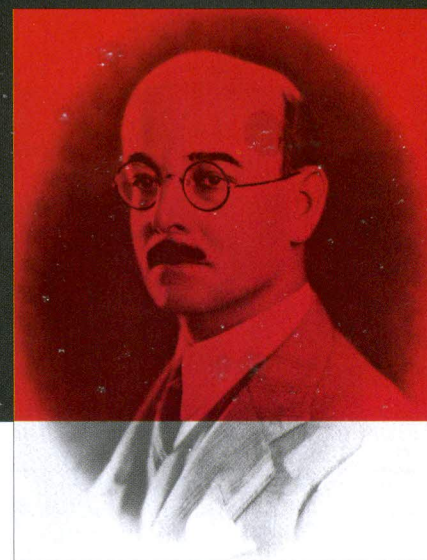
O escritor Monteiro Lobato em 1945. Sua vida foi pautada pela defesa de ideias polêmicas



## ODE À KU KLUX KLAN

Em várias de suas cartas, Monteiro Lobato se refere de forma elogiosa à entidade racista fundada no estado do Tennessee no fim da Guerra Civil Americana. A Ku Klux Klan tinha como objetivo evitar que os negros recém-libertos adquirissem direitos civis e ainda organizava assassinatos traiçoeiros como uma forma de “purificação racial”

País de mestiços, onde branco não tem força para organizar uma Kux-Klan (*sic*), é país perdido para altos destinos. (...) Um dia se fará justiça ao Ku-Klux-Klan; tivéssemos aí uma defesa desta ordem, que mantém o negro em seu lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca - mulatinho fazendo jogo do galego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destrói a capacidade construtiva” [carta enviada a Arthur Neiva em 10 de abril de 1928]



O escritor Monteiro Lobato (1882-1948) era racista? Eis uma polêmica que vai e volta na vida cultural brasileira e recentemente foi reativada pelo Conselho Federal de Educação. No ano passado, o organismo emitiu um parecer classificando o livro *As Caçadas de Pedrinho*, de 1933, como racista. Na análise, eram citados trechos da obra em que a personagem Tia Nastácia, que é negra, era tratada de forma ofensiva: “Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou, que nem uma macaca de carvão”. O Conselho Federal de Educação endossou, na verdade, uma corrente acadêmica que já há algum tempo vê sinais de racismo no tratamento dispensado à personagem ao longo da obra infantil do escritor. Embora o Ministério da Educação tenha vetado o parecer, alguns estados, como Mato Grosso e Paraíba, chegaram a tirar o livro do currículo escolar.

A polêmica esquentou ainda mais no início deste ano, quando alguns intelectuais aderi-

ram a ela. Em geral, esgrimindo por Lobato e usando o tom do panfleto e da galhofa. O jornalista e escritor Ruy Castro foi veemente: “As pessoas que acusam Monteiro Lobato de racismo e de querer ‘extinguir a raça negra’ certamente nunca leram uma linha do que ele escreveu. Trata-se de uma atitude ‘politicamente correta de galinheiro’, como diria Nelson Rodrigues”. O cartunista Ziraldo criou um desenho em que o autor do *Sítio do Picapau Amarelo* aparece abraçado a uma passista negra para satirizar os que viam racismo em sua obra - e a história toda se tornou tema de um samba de bloco no Carnaval do Rio de Janeiro em março deste ano.





Acima, cruz queimada em encontro da Ku Klux Klan nos Estados Unidos em 1931. Na pág. ao lado, o médico Arthur Neiva, destinatário das cartas enviadas por Lobato. O escritor e o cientista eram adeptos da ideia da eugenia

A polêmica mudou de nível, indo para o terreno do factual, quando Arnaldo Bloch, colunista de *O Globo*, formulou a pergunta que precisava ser feita: mas, afinal, o que o próprio Lobato escreveu sobre o tema, para além das interpretações que se fazem de sua ficção? Em um texto para o jornal em que trabalhava, Bloch alinhavou trechos de cartas do escritor. Em uma delas, aparecia a frase fortíssima que saiu na capa desta edição de **BRAVO!**: “País de mestiços, onde branco não tem força para organizar um Kux-Klan (*sic*) é país perdido para altos destinos”, escreveu Lobato, citando a mais famosa organização racista da história norte-americana. Seguindo a trilha sugerida por Bloch, **BRAVO!** foi conferir a correspondência de Lobato. Foram garimpadas cerca de 20 cartas inéditas. E o seu conteúdo é estarrecedor.

É possível depreender algo sobre o teor de suas cartas ao examinar os seus três principais destinatários. Um deles é o escritor Godofredo Rangel - e o próprio Lobato havia publica-

## O CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FOI FAVORÁVEL À PROIBIÇÃO DE UMA OBRA INFANTIL DO ESCRITOR

do uma seleção da correspondência enviada a ele no livro *A Barca de Gleyre*, 1944. Os outros dois - fato incomum entre intelectuais - são cientistas. O paulista Renato Kehl (1889-1974) nasceu em Limeira e as cartas enviadas por Lobato a ele estão depositadas na Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro. O baiano Arthur Neiva (1880-1943) foi aluno do próprio Oswaldo Cruz e é um dos fundadores do Instituto Biológico de São Paulo, lugar onde está guardada parte da correspondência que ele manteve com Lobato - entre elas, a missiva citada acima, exaltando a Ku Klux Klan. Outro lote de cartas - a Kehl e a Neiva - foi garimpado nos arquivos da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro.





Acima, mulheres alemãs em uma Lebensborn, fazenda para mães solteiras, em 1939. Na pág. ao lado, Renato Kehl, destinatário da carta sobre o tema. Kehl escreveu num livro que homens “degenerados” não deveriam se reproduzir

Uma ideia unia Monteiro Lobato, Renato Kehl e Arthur Neiva. Os três eram adeptos de um conceito esdrúxulo chamado eugenia. A ideia, surgida na França na metade do século 19 e sistematizada pelo médico François Galton, era definida pelo próprio como “o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer qualidades raciais das futuras gerações, física ou mentalmente” - e na prática representava, entre outras coisas, uma exaltação da superioridade da raça “branca” em relação às outras. Ou seja, racismo. Nas primeiras décadas do século 20, a eugenia ganhou status de ciência. Renato Kehl era um dos principais estudiosos do tema no Brasil. Redigiu uma vasta obra defendendo os princípios eugênicos. Foi por iniciativa dele que foi criada, em 1918, a Sociedade Eugênica de São Paulo. Em sua obra, ele defende princípios como a proibição de imigrantes que não fossem de raça branca e esterilização de pessoas que, em sua

### MONTEIRO LOBATO CONSIDERAVA RENATO KEHL, DEFENSOR DA PROIBIÇÃO DE IMIGRANTES QUE NÃO FOSSEM BRANCOS, “UM ESPÍRITO BRILHANTE”

ótica, apresentassem “problemas físicos ou mentais”. Os princípios professados por Kehl são muito parecidos com aquilo que, na Europa, ficou conhecido como “eugenia negativa” - ou seja, proibição de que seres humanos considerados “inferiores” se reproduzissem. Como mostra o cineasta sueco Peter Cohen em seu filme *Homo Sapiens*, essa eugenia negativa está na base da ideologia racial que embasou o nazismo - e esse pensamento, levado ao extremo, culminaria no holocausto.

A correspondência de Monteiro Lobato mostra que, no fim dos anos 20, ele foi um entusiasta das ideias eugênicas e da obra de Renato Kehl. A primeira carta do escritor ao cientista data de 1918 e, nela, Lobato diz: “Lamento só agora travar conhecimento

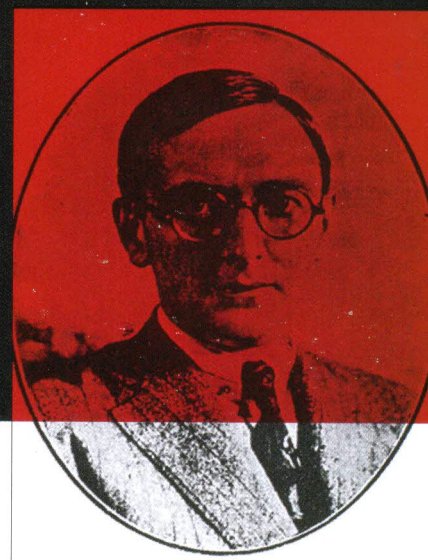


# ELOGIO A UMA PRÁTICA NAZISTA

Foi o nazista Heinrich Himmler quem instituiu na Alemanha as Lebensborn – “fazendas” onde mães solteiras de bebês supostamente arianos podiam criar seus filhos. Lobato teve conhecimento de prática semelhante nos EUA e se referiu a ela de forma elogiosa

Nos Estados Unidos, a eugenia está tão adiantada que já começam a aparecer ‘filhos eugênicos’. Uma senhora da alta sociedade meses atrás ocupou durante vários dias a *front page* [primeira página] dos jornais mexeriqueiros graças à audácia com que, rompendo contra todos os preceitos da ciência e sem se ligar legalmente a nenhum homem, escolheu um admirável tipo macho, fê-lo estudar sobre todos os aspectos e, achando-o *fit* [adequado] para o fim que tinha em vista fez-se fecundar por ele. Disso resultou uma menina que está sendo criada numa *farm* [fazenda] especialmente adaptada para *nursery* [creche] eugênica. “

[carta enviada a Renato Kehl em 8 de julho de 1929]



com um espírito tão brilhante como o seu”. No mesmo ano, Lobato convidou Kehl para escrever o prefácio de seu livro *O Problema Vital*, uma coletânea de artigos do escritor publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*. O entusiasmo de Lobato pela obra do cientista só aumentou na década seguinte, em que Kehl deu uma virada em seu pensamento ao abraçar radicalmente os princípios da eugenia negativa. Em 1921, Kehl publicou um artigo chamado *A Esterilização sob o Ponto de Vista Eugênico*, no qual defende a prática como “um auxiliar poderoso da redução dos degenerados”. Para Lobato, em carta de 9 de outubro de 1929, Renato Kehl era “um D. Quixote científico (...) a pregar para uma legião de panças” (gíria que, nos anos 20, significava pessoas ignorantes). No mesmo ano, Monteiro Lobato viajou para os Estados Unidos e se entusiasmou com o país pelas razões erradas. Na terra de Abraham Lincoln, a eugenia havia ganhado status científico como em nenhum outro lugar, e Lobato la-

menta que seria difícil publicar um livro de Renato Kehl no país por causa da concorrência. “Não pode haver país onde a eugenia esteja mais proclamada, estudada, praticada, ‘livrada’ (*no sentido de publicada em livros*) do que este”, escreveu Lobato.

## “EUGENIA TÃO ADIANTADA”

Nessa mesma carta, se lê um dos trechos mais chocantes dentro do conjunto de missivas ao qual **BRAVO!** teve acesso exclusivo. Lá, num trecho repleto de termos em inglês, Lobato descreve uma história abjeta como se fosse uma experiência positiva: “Nos Estados Unidos, a eugenia está tão adiantada que já começam a aparecer ‘filhos eugênicos’. Uma senhora da alta sociedade meses atrás

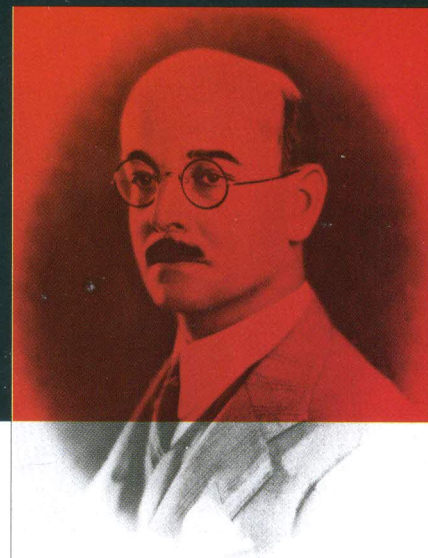


## SOBRE A MESTIÇAGEM NA BAHIA

A eugenia pregava que a mestiçagem “enfraquecia” a raça. Tal ideia esteve em voga no Brasil nos anos 20 e 30, mas não era majoritária – tanto que Gilberto Freyre glorificou a mistura de raças em seu clássico “Casa Grande e Senzala”. Monteiro Lobato, no entanto, jogava no time dos eugenistas – e fez comentários ofensivos ao povo mestiço da Bahia durante uma visita a Salvador.

Mas que feio material humano formiga entre tanta pedra velha! A massa popular é positivamente um resíduo, um detrito biológico. Já a elite que brota como flor desse esterco tem todas as finuras cortesãs das raças bem amadurecidas.”

(carta enviada a Arthur Neiva em 15 de dezembro de 1935)



ocupou durante vários dias a *front page* [primeira página] dos jornais mexeriqueiros graças à audácia com que, rompendo contra todos os preceitos da ciência e sem se ligar legalmente a nenhum homem, escolheu um admirável tipo macho, fê-lo estudar sobre todos os aspectos e, achando-o *fit* [adequado] para o fim que tinha em vista, fez-se fecundar por ele. Disso resultou uma menina que está sendo criada numa *farm* [fazenda] especialmente adaptada para *nursery* [creche] eugênica. E lá vai ela conduzindo a sua experiência de ouvidos fechados a todas as censuras da *bigotry* [fanatismo]”. Esse trecho impressiona porque mostra Lobato entusiasmado por uma prática adotada na Alemanha nazista. Por ideia de Heinrich Himmler, um dos asseclas delirantes de Hitler, implantou-se no país um programa conhecido como Lebensborn (“fonte da vida”, em alemão arcaizado). Pelo programa, mulheres “arianas” solteiras eram incentivadas a engravidar

de líderes “arianos” com o objetivo de expandir, nos dizeres de Himmler, uma “raça líder e pura”.

No Brasil, as ideias eugênicas proliferaram principalmente em dois estados: Bahia e São Paulo. Se Kehl foi o líder da corrente em terras bandeirantes, o principal prócer da ideia na Bahia era Arthur Neiva. É interessante notar que a Faculdade de Medicina de Salvador era um centro de discussão de ideias eugenistas, como Jorge Amado bem retrata em seu livro *Tenda dos Milagres*. Criado nesse ambiente, Neiva era, no entanto, menos radical do que Kehl. Sua principal preocupação eram as ações sanitárias nas cidades brasileiras. Mesmo assim, fazia questão de definir a si próprio como “germâ-





Acima, a classe média negra na Bahia na década de 1940. Na pág. ao lado, o baiano Arthur Neiva, destinatário da carta de Lobato. A Faculdade de Medicina de Salvador promovia ideias eugênicas, como Jorge Amado retrata no livro *Tenda dos Milagres*

nico”, e não “mestiço”, como a maior parte da população de seu estado.

Foi para Neiva que Lobato enviou alguns de seus mais impressionantes desabaços sobre a questão racial, entre as cartas inéditas garimpadas por BRAVO!. Ele tocou várias vezes, por exemplo, no tema da Ku Klux Klan, o grupo fundado logo após o fim da Guerra Civil Americana (1861-1865) no estado do Tennessee e que tinha como principal objetivo impedir a integração social dos negros recém-libertados – proibindo-os, por exemplo, de adquirir terras e também promovendo assassinatos traiçoeiros como uma forma de “higiene racial”. Escreve Lobato a Neiva, em 1938: “Um dia se fará justiça ao Ku-Klux-Klan; tivéssemos aí uma defesa dessa ordem, que mantém o negro no seu lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca - mulatinho fazendo o jogo do galego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destrói a capacidade construtiva”.

## O BAIANO ARTHUR NEIVA, AMIGO EUGENISTA DE LOBATO, GOSTAVA DE DEFINIR A SI PRÓPRIO COMO “GERMÂNICO

Três anos antes, em 1935, Lobato esteve na Bahia e escreveu uma carta ao cientista, que então morava em São Paulo. Lobato inicia o texto dizendo-se maravilhado com a terra de Neiva, com sua comida, arquitetura e igrejas – “Sua Bahia, dr. Neiva, positivamente enfeitiçou-me”. No quarto parágrafo, no entanto, ele fala das pessoas do lugar: “Mas que feio material humano formiga entre tanta pedra velha! A massa popular é positivamente um resíduo, um detrito biológico. Já a elite que brota como flor desse esterco tem todas as finuras cortesãs das raças bem amadurecidas”. O comentário comparando a população pobre da Bahia a “esterco” é francamente racista – assim como as observações que, numa carta relativamente conhecida enviada a Godofredo

do Ku Klux Klan; tivéssemos o negro no seu lugar, e estaríamos a - mulatinho fazendo B. mestiçagem do negro  
EIA fac-símiles das cartas inéditas obtidas por BRAVO! em [www.revistabravo.com.br](http://www.revistabravo.com.br)





Acima, o transporte público no Rio de Janeiro dos anos 40. Na pág. ao lado, o escritor Godofredo Rangel, destinatário da carta. Lobato critica mineiros, cariocas e baianos, numa demonstração de preconceito regional

Rangel (*leia acima*), ele faz sobre os mestiços cariocas - mas também tem a ver com o preconceito que Lobato nutria em relação a habitantes de outros estados brasileiros que não fossem São Paulo. Aparecem em sua correspondência, por exemplo, referências desairosas a cariocas e mineiros.

Diante de tal conjunto de cartas, é inevitável perguntar: ao abraçar a causa da eugenia, Lobato não teria sido apenas um homem de seu tempo? A resposta é: em termos. É certo que tal ideia tinha status de ciência na época, era bem aceita em determinados círculos intelectuais, e o termo estava tão na moda que aparecia até na poesia (o fluminense Raul de Leoni escreveu um famoso soneto chamado *Eugenia*, em que o vate se dirige à musa com versos de péssimo gosto, como “tens legendas pagãs nas carnes claras”). A eugenia, no entanto, não era uma ideia majoritária, tanto que Lobato chamou Kehl de “Quixote”. Um fato relevante a mostrar que havia muita gente consciente do ab-

## LOBATO FOI UM DOS MAIORES TALENTOS DE SEU TEMPO, E SUAS OBSERVAÇÕES SOBRE A BUROCRACIA BRASILEIRA SÃO VÁLIDAS ATÉ HOJE

surdo da coisa foi o lançamento, em 1933, de *Casa Grande e Senzala*, o clássico de Gilberto Freyre - obra-prima que é resposta eloquente às bobagens defendidas por Kehl e pelo “baiano germânico” Neiva. Em sua prosa irresistível, Freyre mostra o óbvio. O que influencia as características dos povos, se é que isso existe, é a cultura, como pregava o antropólogo alemão Franz Boas, e não a raça. O livro apresenta, também, a mestiçagem que horro- rizava os eugenistas como um valor positivo.

Cabe finalizar dando a medida justa e apresentando Lobato em toda a sua complexidade. O escritor é um dos mais talentosos de sua geração. Legou ao Brasil um bem inestimável: uma literatura infantil de altíssimo nível, que pode ser lida

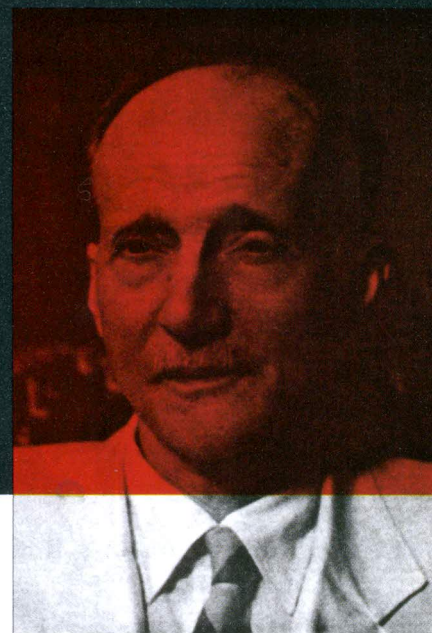


# SOBRE A MESTIÇAGEM NO RIO DE JANEIRO

Foi na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, que começou a amizade de Monteiro Lobato com o escritor mineiro Godofredo Rangel. Eles trocaram centenas de cartas durante várias décadas. Em muitas delas, Lobato faz observações sobre a mistura de raças no Rio de Janeiro

Dizem que a mestiçagem liquefaz essa cristalização racial que é o caráter e dá uns produtos instáveis. Isso no moral – e no físico, que feiúra! Num desfile, à tarde, pela horrível Rua Marechal Floriano, da gente que volta para os subúrbios, que perpassam todas as degenerescências, todas as formas e má-formas humanas – todas, menos a normal. Os negros da África, caçados a tiro e trazidos à força para a escravidão, vingaram-se do português de maneira mais terrível – amulatando-o e liquefazendo-o, dando aquela coisa residual que vem dos subúrbios pela manhã e reflui para os subúrbios à tarde.”

[carta a Godofredo Rangel incluída na primeira edição do livro “A Barca de Gleyre”, em 1944]



até hoje. As eventuais alusões racistas a personagens como a Tia Nastácia não tiram o prazer da leitura – talvez constituam até um bom tema de discussão em aula. No caso específico da Tia Nastácia, é possível fazer até a leitura contrária, dado que a personagem é sempre apresentada de forma bastante positiva ao longo da obra de Lobato. Que, como escritor, chegou a denunciar maus tratos contra negros em alguns de seus contos, caso de *Os Negros*, incluído no livro *Negrinha* (1923). Lobato também foi um polemista brilhante e extremamente atilado quando defendeu as ideias certas. Sua impaciência quanto a certo costume brasileiro de empurrar a solução dos problemas para depois é altamente louvável. É válida até hoje, assim como as críticas contra a falta de saneamento básico e a triste burocracia do país.

Tais qualidades tornam ainda mais espantoso o fato de Lobato – mesmo relativizando a época em que ele viveu – ter-se encantado com ideias tão

estapafúrdias, como as defendidas por Arthur Neiva e Renato Kehl. Ele parou de falar no assunto quando o nazismo, embasado na eugenia, gerou os horrores do holocausto, mas nunca se retratou publicamente pelas ideias que defendeu durante pelo menos três décadas (dado que parte de sua correspondência continua inédita, existe a esperança de que ainda apareça uma carta com um mea-culpa). É tarde demais para condenar Lobato pelo crime intelectualmente imperdoável – e hoje inafiançável juridicamente – do racismo. Ler suas cartas com a distância dos anos proporciona uma reflexão: mesmo as mentes mais sólidas podem, em determinados momentos, sofrer um amolecimento radical. ¶